

# O PRÓPRIO E O ALHEIO: O PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO IDENTITÁRIA EM UM “CORAÇÃO NUMEROSO”

Mariana Jantsch de Souza  
Mestranda em Literatura Comparada – Universidade Federal de Pelotas  
Capes

Resumo: No presente artigo será analisado o poema “Coração numeroso”, de Carlos Drummond de Andrade, partindo-se da perspectiva da construção identitária como um processo. Dessa forma, levando em conta considerações teóricas que sustentam a transitoriedade e a não fixidez que envolve a questão da identidade, será observada a negociação por que passa o sujeito lírico em uma situação de deslocamento em que é defrontado com o Outro. Nestas circunstâncias, portanto, mostra-se inevitável e necessária a articulação entre o próprio e o alheio no processo de construção identitária. Para tanto, buscou-se aporte teórico em Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade – “Coração numeroso”. “Coração numeroso” – Crítica literária. Construção identitária – Tema literário.

Abstract: In this article it will be analyzed Carlos Drummond de Andrade’s poem “Coração numeroso”, starting from the perspective of identity construction as a process. Thus, taking into account theoretical considerations that support the transience and non fixity involving the issue of identity, it will be observed the negotiation passed by the lyrical subject in a situation of displacement in which the Other is faced. In these circumstances, therefore, seems inevitable and necessary the coordination between the self and others in the process of identity construction. For that matter, it was requested theoretical support in Stuart Hall and Zygmunt Bauman.

Keywords: Carlos Drummond de Andrade – “Coração numeroso”. “Coração numeroso” – Literary Criticism. Identity Construction – Literary Theme.

Carlos Drummond de Andrade estreou com a publicação da obra *Alguma poesia*, em 1930, em um momento crucial para o movimento modernista, marcando a segunda fase do movimento, conforme a crítica literária. A obra surge, então, sob o ímpeto do Modernismo e apresenta características marcantes, especialmente em relação ao comprometimento social: “o Modernismo revela, no seu ritmo histórico, uma adesão profunda aos problemas de nossa terra e da nossa história contemporânea” (CANDIDO, 1975, p. 9).

De modo geral, esta adesão a que se refere Antonio Candido reflete o destaque conferido à “presença da civilização industrial: a máquina, a metrópole mecanizada, o cinema, a vida excitante de uma sociedade que liquidava os seus resquícios patriarcais e adotava rapidamente os novos ritmos da vida contemporânea” (CANDIDO, 1975, p. 11). Neste contexto de industrialização e mudanças sociais significativas, o Modernismo desvela a confusão e o atordoamento em que se encontra o homem, expondo seu estado de perturbação e a forma como se relaciona com a realidade social nestas circunstâncias.

A literatura, em especial a poesia, retratou este estado de perturbação por meio da desestruturação da linguagem empregada até então e determinada pelos padrões cultos da elite brasileira. Neste momento, portanto, a linguagem literária poética está em fase de revisão e reestruturação, daí as inversões, as repetições e as incansáveis adjetivações – o que se pode perceber no poema em análise –, figuras de linguagens que não eram bem vistas até o momento. Para Luiz Costa Lima, na obra *Lira e antilira*, a ideia de desestruturação e estruturação deve ser pensada tendo em vista a língua como elemento da cultura e por isso “a linguagem se modifica por responder e se propor como ponta de lança da sociedade que muda” (1995, p. 20). Dessa forma,

É dentro dessa concepção dinâmica da linguagem que se põem os termos de estruturação e desestruturação. [...] A sintaxe social interfere imediatamente no léxico, tornando desatualizados certos termos ou mudando seu sentido ou criando novos para a designação de fenômenos antes desconhecidos. [...] Podemos sim afirmar que as maneiras de estruturação da linguagem criadora tendem à mudança na medida em que se modificam ou se abalam os pilares da visão de mundo – que é sempre visão de classe – assentados na linguagem (1995, p. 21).

Ainda de acordo com Luiz Costa Lima, a nova estrutura da linguagem poética estabelecida pelo Modernismo tem como característica o uso de coloquialismos, o que reflete a preocupação e o engajamento social da elite intelectual desse período. Assim, é com o coloquialismo que o movimento consolida uma nova forma de fazer poético: “Não é possível um ver novo que não se apoie em uma técnica (nova) de ver. [...] foi pelo coloquial que o modernismo começou a criar sua estruturação própria” (LIMA, 1995, p. 41).

Com isso, o Modernismo instaura o que o crítico chama de um realismo coloquial:

Coloquial quer pela base vocabular utilizada, pela sintaxe de seu emprego, quer pelas situações tratadas, quer pelo fato de esses dados convergirem para a frequentação do eu individual do autor. Realismo coloquial, poesia da intimidade, linguagem afetiva, tempo afetivo, onde a emoção recordadora luta mansamente com a ironia que a disciplina. Entre o mundo externo e o eu, portanto, é este que prepondera. Os sentimentos confluem para a palavra, onde o tempo se paralisa a não ser em sua dimensão emocionalizada. E a linguagem tem um uso essencialmente conotativo (LIMA, 1995, p. 43).

Contudo, vale destacar que a prática poética de Drummond já encontrou as bases do Modernismo estabelecidas, de forma que ao poeta restou desenvolver certas práticas em fase de consolidação. A Drummond coube, então, de acordo com análise de Antônio Houaiss, na obra *Drummond mais seis poetas e um problema*, exercer o Modernismo nos seus aspectos metódicos essenciais: “desorganização dos cânones métricos, desconhecimento da “dignidade” específica dos vocábulos e da gramática poética” (1976, p. 33).

O poeta recebeu a incipiente tradição modernista, herdou a atmosfera da primeira geração modernista e diante disso

A ele exatamente coube, mais do que a ninguém, dentre os modernistas [...] **a função de cristalizador do movimento, pois nele é que a poesia brasileira contemporânea atingiria a plenitude moderna**, de que derivariam (no melhor sentido) os melhores poetas subsequentes – **moderna no sentido de antenação com a problemática do mundo moderno, na sua multifacetada e aparentemente caótica dispersão e concentração planetizados** (HOUAISS, 1976, p. 34, grifo nosso).

Em relação à prática do poeta, Candido sustenta que em *Alguma poesia* verifica-se a “descoberta da poesia social por Carlos Drummond de Andrade, e a solução que obteve entre o drama do indivíduo e o seu sentimento do outro” (CANDIDO, 1975, p. 24). Neste sentido, Vivaldo Andrade dos Santos alerta que,

no caso de *Alguma Poesia*, a ênfase recai especialmente no aparente distanciamento entre o sujeito lírico e a realidade, na centralização da perspectiva no eu, [...] apesar da distância que se observa entre o sujeito lírico e a realidade, ela se trata de uma distância relativa. *Alguma Poesia* revela um sujeito lírico, embora marginal à realidade, dela dependente para articular-se como sujeito (SANTOS, 2006, p. 181).

A obra de estreia de Drummond traz como centro poético e centro do fazer poético a observação do Eu e do mundo, retrata as relações difíceis entre o sujeito e o mundo em um momento de rupturas sociais:

Os dois primeiros livros de Carlos Drummond de Andrade são construídos em torno de um certo reconhecimento do fato. O sentimento, os acontecimentos, o espetáculo material e espiritual do mundo são tratados como se o poeta se limitasse a registrá-los, embora o faça da maneira anticonvencional preconizada pelo Modernismo. Este tratamento, mesmo quando insólito, garantiria a validade do fato como objeto poético bastante em si, nivelando fraternalmente o Eu e o mundo como assuntos de poesia (CANDIDO, 1995, p. 111).

*Alguma poesia* apresenta-se, portanto, como uma reflexão sobre a relação do homem com a realidade social moderna, a conturbação que o momento incita. Considerando este panorama, elegeu-se da obra em questão o poema “Coração numeroso” para discutir a relação do homem com o Outro no processo de construção do Eu.

*Coração numeroso*

Foi no Rio.  
Eu passava na Avenida quase meia-noite.  
Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.  
Havia a promessa do mar  
e bondes tilintavam,  
abafando o calor  
que soprava no vento  
e o vento vinha de Minas.

Meus paráliticos sonhos desgosto de viver  
(a vida para mim é vontade de morrer)  
faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente  
na Galeria Cruzeiro quente quente  
e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,  
nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas  
autos abertos correndo caminho do mar  
voluptuosidade errante do calor  
mil presentes da vida aos homens indiferentes,  
que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.  
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu  
a cidade sou eu  
sou eu a cidade  
meu amor.

“Coração numeroso” pode ser analisado pelo viés da construção identitária, uma vez que no poema o eu lírico encontra-se em situação de deslocamento espacial e cultural, o que lhe provoca intensa sensação de estranhamento e exacerba o sentimento de não pertencimento em relação ao local em que se encontra. O desconforto que a situação provoca evidencia o problema da identidade, de sua (in)definição, revelando-a como um processo permanente, como algo em constante construção, de forma que não se pode pensá-la como sendo estável, fixa, segura.

Inicialmente, para pensar a questão da identidade são relevantes as considerações de Stuart Hall, teórico que pensa o tema no contexto da modernidade, alertando que

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2006, p. 9).

Diante desse quadro de transformações sociais, Hall tece suas considerações partindo da premissa de que “as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas” (2006, p. 8), é dizer, os parâmetros tradicionais deixaram de ser fonte de referências sólidas para as identidades desde o início da modernidade. Os sujeitos não se percebem mais como indivíduos integrados após abalados os seus referentes identitários. Assim, deslocamento e estranhamento são a tônica das identidades modernas, de modo que o confronto com o diferente é inevitável; mais do isso, é deste embate que surge a identidade moderna, constituída também pelo diferente à medida que o incorpora.

Nesta mesma linha são as considerações de Zygmunt Bauman, em sua obra *Identidade*. Em introdução à referida obra, Benedetto Vecchi aponta os caminhos percorridos por Bauman ao tratar do tema identidade:

[...] muitos envolvidos nos estudos pós-coloniais enfatizam que o recurso à identidade deve ser considerado um processo contínuo de redefinir-se e de inventar e reinventar a sua própria história. É quando descobrimos a ambivalência da identidade: a nostalgia do passado conjugada à total concordância com a ‘modernidade líquida’ [...] (BAUMAN, 2005, p. 13).

A identidade não é fixa e a modernidade, com suas mudanças, fez com que os indivíduos se defrontassem com a inconstância das identidades, que eram o fundamento estruturante do próprio sujeito em razão de sua solidez; por isso, agora pairam dúvidas e incertezas sobre a identidade e sobre o próprio sujeito. Dessa forma, “a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas” (BAUMAN, 2005, p. 22).

Percebeu-se, com isso, que não se trata a identidade de um todo fechado, consolidado, e sim de algo aberto, sempre em processo de constituição:

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo [...] (HALL, 2011, p. 110).

Trata-se, então, de um processo de articulação entre o interno e o externo, que culmina com a definição de fronteiras entre o Eu e o Outro, fronteiras que a cada momento do processo podem ser alteradas, pois “a identificação envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de ‘efeitos de fronteira’. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora - o exterior que a constitui” (HALL, 2011, p. 106).

A identidade, portanto, deve ser pensada sob o signo da provisoriedade, pois, como processo que é, não permite delimitação ou estabilização: está sempre em fase de construção. A complexidade da questão, conforme demonstrado, revela a teia intercultural que envolve a identidade e interfere em sua formação. A partir da ciência dessa complexidade, Hall e Bauman concluem no mesmo sentido, reconhecendo que as identidades hoje são móveis, abertas e flexíveis, pois

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo de ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (HALL, 2006, p. 38).

O poema de Drummond vai ao encontro dessas considerações teóricas por retratar a identidade como um processo permanente, o faz através, principalmente, da imagem de movimento constante produzida ao longo de todo o texto. Essa imagem é construída pelo percurso trilhado pelo sujeito-lírico, sendo explicitados locais da cidade do Rio de Janeiro pelos quais passa: “Eu passava na Avenida quase meia-noite” [v. 2] “na Galeria Cruzeiro quente quente” [v. 12] “Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas / autos abertos correndo caminho do mar” [v. 15-16] “O mar batia em meu peito, já não batia no cais. / A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu” [v. 20-21].

Neste percurso, observa-se que o eu-lírico avança de um sentimento de estranhamento e desconforto diante da realidade sócio-cultural em que se encontra para a adaptação e incorporação dessa nova realidade, do que resulta um novo ‘eu’, uma identidade reformulada a partir da assimilação de elementos externos. Com isso, ressalta-se a ideia de processo de construção da identidade, inserindo-a num fluxo permanente, marcado por constantes mudanças.

Percebe-se, então, que as transformações da modernidade tornaram a identidade uma questão complexa e problemática. Pois, conforme Stuart Hall (2006, p. 10-11) ao tratar da concepção iluminista de identidade – ou o que chamada de sujeito cartesiano –, quando o indivíduo verifica que a ideia de um eu totalmente centrado, integrado e unificado não funciona mais para a compreensão do sujeito, surge o problema da identidade e a ideia de um processo permanente aliado à certeza da transitoriedade e inconstância das identidades:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para a vida toda, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

A ideia de um processo de construção identitária decorre também da instabilidade do sentimento de pertencimento em relação a um espaço social e cultural, uma vez que com a modernidade esses espaços se tornaram mais fluidos em razão da integração e conexão feitas a partir de mecanismos mais abrangentes que mobilizam novas combinações de espaço-tempo (HALL, 2006, p. 67).

Por conseguinte, questionar as identidades individuais só faz sentido se há possibilidade de haver outra, se a identidade depende de uma escolha feita pelo próprio sujeito, conforme esclarece Bauman (2005, p. 25-26). Dessa forma, a identidade

[...] é um “conceito altamente contestado”. [...] O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. [...] A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluta a ser devorado (BAUMAN, 2005, p. 83-84).

Sendo assim, a identidade revela-se sempre incompleta; está sempre em processo, em fase de formação e constituição, não se apresentando como algo acabado e inato, conforme esclarece Hall (2006, p. 38). Atentando para esse aspecto, Hall sugere ainda que ao invés de se pensar em identidade seria mais apropriado pensar em identificação: “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento” (2006, p. 39). Isso porque a “a identificação é um processo de articulação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre ‘demasiado’ ou ‘muito pouco’ – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade” (HALL, 2011, p. 106).

É este contexto teórico que se considera para pensar, neste breve trabalho, a identidade como um processo permanente. Esta noção é, portanto, a base para todas as considerações sobre o poema de Drummond.

Dito isto, importa verificar o que está envolvido neste processo em “Coração numeroso”. Neste ponto, inevitável observar o confronto com elementos alheios, estranhos ao ‘eu’, os quais são importantes para sua constituição e apresentam-se, inicialmente, em oposição ao ‘eu’.

Neste sentido são as observações de Tânia Carvalhal, para quem o processo de construção identitária envolve a articulação de elementos próprios e elementos alheios. A identidade é fruto de um processo que pressupõe o reconhecimento da diferença, sendo elaborada a partir da diferenciação do outro, bem como da incorporação de



elementos alheios para constituir o próprio: “a absorção do alheio participa da construção do próprio” (CARVALHAL, 2003, p. 138). Hall complementa essa noção de negociação e de estabelecimento do ‘eu’ a partir do externo/alheio explicando que “a identidade surge [...] de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 2006, p. 39).

Por ser a identidade resultado de um processo de negociação, é marcada pela transitoriedade e provisoriedade como elementos fundamentais conforme Hall e Bauman. Verifica-se, então, que deste processo resulta uma identidade permanentemente aberta, pois se sujeita e é determinada pelas interações sociais e culturais por que passa o indivíduo, ou seja, sofre essas influências, sendo elaborada e reelaborada a partir das interferências externas a que se submete o sujeito.

O processo de construção identitária e a negociação que envolve são claramente retratados no poema de Drummond, vez que o sujeito lírico é confrontado com uma realidade sócio-cultural diferente da sua, pois sai de Minas Gerais e vai para o Rio de Janeiro, iniciando-se aqui o embate com o diferente. Nesta circunstância, o sentimento inicial do eu-lírico, verificado na primeira e segunda estrofes, é de choque, de profundo estranhamento e nostalgia em relação as suas origens mineiras: “Havia a promessa do mar / e bondes tilintavam, / abafando o calor / que soprava com o vento / e o vento vinha de Minas” [v. 4-8] “na Galeria Cruzeiro quente quente / como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro” [v. 12-13].

Com isso, percebe-se a oposição feita pelo sujeito lírico entre sua terra natal (Minas), envolta em um sentimento positivo, pois evoca algo agradável – o doce vento mineiro -, e sua nova realidade social (Rio), marcada por aspectos negativos: o forte calor do Rio aliviado somente pelo doce vento mineiro; e solidão por não conhecer ninguém nesse lugar, por estar deslocado. O estranhamento vivenciado inicialmente pelo sujeito lírico, decorre, portanto, da constatação dessas diferenças e da oposição estabelecida (Minas - positivo, Rio - negativo).

Da nostalgia, de outro lado, emerge um sentimento profundo de solidão e melancolia por não estar em Minas e estar num lugar estranho e completamente diferente, pois o

Rio, posto em forte oposição a Minas, é caracterizado como um espaço urbano, e desenvolvido: cheio de carros, bondes, avenidas movimentadas, luzes. Enquanto isso, em razão da oposição instaurada – litoral/interior –, Minas remete ao interior, à calma e tranquilidade dos lugares pequenos e bucólicos.

Além disso, o movimento que caracteriza o Rio explicita o local como uma cidade grande indiferente aos indivíduos, atenta tão somente para seu próprio desenvolvimento urbano e progresso, sendo este outro fator a acentuar a solidão e a nostalgia: “faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente” [v. 11] “mil presentes da vida aos homens indiferentes” [v. 18]; além de toda a primeira estrofe, em que o eu-lírico passeia pelo Rio quase meia-noite e a cidade continua acordada apática em relação aos indivíduos que estão pelas suas ruas.

Vale ressaltar que esta é a perspectiva do modernismo, em que o sujeito encontra-se alheio à metrópole em desenvolvimento e urbanização, em uma situação de extrema solidão, tal como retratado nos versos de “Coração numeroso”. Conforme Stuart Hall, “encontramos, aqui [no modernismo], a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2006, p. 32).

Esses aspectos, portanto, enfatizam o deslocamento do sujeito como algo negativo, uma vez este que se percebe, nestas duas primeiras estrofes, como um estrangeiro no Rio. O sujeito está sendo forçado a perceber que se sua identidade não é ‘solida como uma rocha’ ou imune às interações com o Outro; o indivíduo é, então, compelido a dar continuidade ao processo de negociação e articulação identitária.

Também é possível observar uma fragmentação interior do eu lírico face ao exterior, pois o sentimento de deslocamento provoca uma crise na ideia de pertencimento, é dizer, o sujeito lírico conscientiza-se de que não faz parte dessa realidade em que se encontra em razão das diferenças e oposições estabelecidas. O deslocamento, pois, desestabiliza os vínculos estruturadores (espaço e cultura mineiros) da identidade do eu-lírico, deixando-o sem referenciais e tornando imperiosa a articulação e negociação com os elementos exteriores para assim restabelecer-se o sentimento de pertencimento, agora com outro espaço e cultura (cariocas).

Além disso, no que se refere à forma, observa-se que a desconstrução da ordem sintática em alguns versos explicita também a fragmentação do 'eu', retratando uma desordem no plano intelectual/mental motivada pelo sentimento de estranhamento e deslocamento: “Meus paráliticos sonhos desgosto de viver” [v. 9] “na Galeria Cruzeiro quente quente” [v. 12] “Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas / autos abertos correndo caminho do mar” [v. 15-16].

Por outro lado, é possível perceber, em decorrência da fragmentação do sujeito, uma paralisia interior em oposição ao movimento exterior incessante. A cidade está sempre acordada, embora sempre apática aos indivíduos: tudo se movimenta intensamente independentemente dos sujeitos e enquanto isso o eu lírico encontra-se inerte observando a cidade, seu movimento, as diferenças em relação a Minas e opondo as duas cidades.

Esta inércia interior provém do incômodo de estar no Rio, como uma consequência do desconforto e estranhamento que a situação provoca. A saudade de Minas e as lembranças constantes acentuam a diferença entre os dois locais, paralisando mais ainda o eu-lírico, o qual fica apenas lembrando e vivendo dessas lembranças, preso ao desconforto e ao sentimento de estranhamento, sem qualquer reação. A conciliação entre o próprio e o alheio, contudo, somente se verificará depois de superada essa paralisia e com isso o processo de construção identitária culminará com a inevitável absorção do alheio para constituição do próprio, como alertado por Tânia Carvalhal.

Os sentimentos de deslocamento, solidão, melancolia e nostalgia atingem seu auge com o desejo de morrer diante da incapacidade de conciliar o próprio e o alheio e de adaptar-se ao Rio: “Meus paráliticos sonhos desgosto de viver / (a vida para mim é vontade de morrer)” [v. 9-10]. No entanto, após esse momento mais intenso em que todos os sentimentos negativos que o Rio provocou no eu-lírico convergem para o desejo de morrer tem início a reação do sujeito e assim finda a sua paralisia: “Acabemos com isso” [v. 14].

Tem início, assim, a adaptação e consequente assimilação do alheio, como num movimento progressivo do processo de construção identitária. Este momento inicia-se

na terceira estrofe com os versos: “Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas” [v. 15]. Verifica-se aí o princípio da articulação e conciliação entre o alheio e o próprio, vez que o eu-lírico começa a perceber o Rio de uma forma diferente: consegue enxergar “uma fascinação” na cidade. A partir de então, abandona a visão negativa construída nas duas primeiras estrofes, fruto da impressão inicial derivada dos sentimentos nostálgicos, melancólicos e da sensação de deslocamento e estranhamento.

Nos versos seguintes, o sujeito lírico continua a observar o Rio dessa forma e percebe outros aspectos positivos no lugar e, assim, constrói uma nova impressão sobre o Rio. No início, pois, o calor da cidade era intenso e acompanhava uma descrição negativa do local, agora há uma “voluptuosidade errante do calor” [v. 17], é dizer, a cidade passa a inspirar uma sensação deleitosa no sujeito, exatamente o oposto das sensações do início. Em seguida, a vida nesse local oferece deleites e presentes para os indivíduos, e o eu-lírico parece que começa a fruí-los: “mil presentes da vida aos homens indiferentes, / que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram” [v. 18-19],

Essa articulação culmina, nos últimos versos, com a absorção de alguns elementos alheios resultando em um novo ‘eu’, uma nova identidade, agora constituída por um amálgama entre elementos das origens mineiras e elementos da identidade carioca:

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.  
A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu  
a cidade sou eu  
sou eu a cidade  
meu amor.

Destarte, essa nova realidade e identidade cultural carioca passam a fazer parte deste ‘eu’, ou seja, “o ‘alheio’ deixa de ser algo estranho e exterior para expressar uma alteridade que faz parte do mesmo” (CARVALHAL, 2003, p. 142). A repetição do verso “a cidade sou eu” enfatiza isso.

Com a conciliação entre o próprio e o alheio o sentimento de deslocamento se dissipa para que o sentimento de pertencimento se restabeleça: agora o sujeito sente-se parte desse espaço e dessa cultura – “a cidade sou eu” [v. 21]. Assim, a fragmentação verificada nas primeiras estrofes dá lugar a uma ligeira estabilização do ‘eu’. Fala-se em

ligeira estabilização em razão de esse processo ser permanente, conforme esclarecido por Hall e Bauman. O abandono da desconstrução sintática, na terceira e quarta estrofes, é outro fator a reforçar a estabilização do eu.

De outro lado, a inércia interior também desaparece. O sujeito lírico assume, pois, postura mais ativa, abandonando do papel de observador para ir ao encontro do mar. Percebe-se, então, que o momento em que o mar atinge o peito do eu-lírico [v. 20] simboliza a identificação, é dizer, o alheio (Rio) é incorporado somente quando chega ao coração do sujeito. Sendo assim, a conciliação e assimilação verificadas correspondem à identificação nos termos de Hall e fazem desaparecer o desconforto e o estranhamento sentidos, porque o sujeito não se percebe mais como um estrangeiro no Rio, agora é parte da cidade e a cidade é parte do sujeito.

Por último, é importante observar o título do poema de Drummond. A partir do exposto, é possível compreender que esse título sintetiza a ideia central do texto, haja vista que numeroso remete à pluralidade de possibilidades de identificação, de forma que uma não anula a outra, todas convivem pacíficas num mesmo 'eu'. De outro lado, é no coração que se verifica a conciliação entre o próprio e o alheio, ou seja, somente quando o alheio atinge o coração do sujeito lírico é que passa a “expressar uma alteridade que faz parte do mesmo”. O coração, portanto, determina quando a negociação entre interno e externo resulta numa nova identificação.

Sendo assim, o sujeito lírico não abandona suas origens em razão da adaptação e assimilação de elementos próprios do Rio ao seu jeito de ser. É dizer, ele é mineiro e nunca deixará de ser, porém essa 'identidade' concilia-se com os elementos cariocas que são incorporados, passando a fazer parte do sujeito. Portanto, trata-se de um coração numeroso porque nele cabe a Minas das origens do sujeito e o Rio do momento atual que vive.

Em “Coração numeroso” a identidade é retratada como um processo, inserida num movimento contínuo, atrelada à mobilidade do sujeito, vez que se cria a imagem de um caminho que o sujeito lírico percorre até o mar, momento culminante do processo, em que a nova identidade se consolida mesclando elementos mineiros e cariocas, o que aponta para a constante construção e transformação do sujeito. Essa mobilidade em que

o ‘eu’ é envolvido demonstra que a identidade é algo aberto, não fixo e unificado. É neste cenário que estão inseridos os indivíduos após as transformações da modernidade segundo Stuart Hall,

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interligados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006, p. 12-13).

No texto, portanto, o percurso do eu-lírico no Rio explicita a identidade como um processo e, assim, a constante formação e transformação a que o sujeito está submetido, o que é realizado sempre com relação ao outro, ao alheio. O sujeito, então, assume diferentes identidades conforme a relação que estabelece com o externo, o qual é variável e não necessariamente coerente, conforme Hall. Dessa forma, a relação inicial de estranheza do eu lírico com o outro (o Rio) dá lugar a uma nova forma de identificação (uma nova identidade) com a assimilação de elementos alheios, conforme referido por Tânia Carvalhal.

De acordo com esse panorama, verifica-se que a identidade deve ser pensada em relação ao campo semântico da provisoriedade, do não acabado, do indefinido no sentido de que não se pode dispor numa moldura definidora ou delimitadora, pois está em processo sempre, em fase de acabamento e aperfeiçoamento.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira – III. Modernismo*. 5. ed. São Paulo: Difel, 1975.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CARVALHAL, Tânia Franco. O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *O próprio e o alheio*. Ensaios de Literatura Comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 125-152.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. SILVA, Tomáz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HOUAISS, Antônio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira: Mario, Drummond, Cabral*. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- SANTOS, Vivaldo Andrade dos. *Alguma poesia de Drummond: o corpo que morreu especialmente para nos comover*. *Revista da USP*, São Paulo, n. 69, p. 181-192, 2006.

Recebido em 31/03/2012  
Aprovado em 29/10/2012